

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABORATÓRIO DE FORMAÇÃO GERAL

Karina da Silva Lucena

**CAIU NA REDE PODE NÃO SER PEIXE: uma análise sobre as relações entre
pesca artesanal, trabalho e saúde em ambientes poluídos**

Rio de Janeiro

2013

Karina da Silva Lucena

**CAIU NA REDE PODE N: uma análise sobre as
relações entre pesca artesanal, trabalho e saúde em
ambientes poluídos**

Trabalho de Conclusão de Curso de Educação
Profissional Técnica Integrada ao Ensino Médio
da Escola Politécnica de Saúde Joaquim
Venâncio como requisito parcial para aprovação
no curso técnico de Gerência em Saúde.

Orientador: Prof. Alex Lamônica Magalhães

Rio de Janeiro

2013

Karina da Silva Lucena

**CAIU NA REDE PODE NÃO SER PEIXE: uma
análise sobre as relações entre pesca artesanal,
trabalho e saúde em ambientes poluídos**

Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Profissional Técnica Integrada ao Ensino Médio da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de Gerência em Saúde.

Orientador: Prof. Alex Lamonica Magalhães

Aprovado em __/__/__

BANCA EXAMINADORA:

Mestre Paulo Henrique Barbosa de Andrade – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

Mestre Nicole Regine Garcia - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

Mestre Alex Lamonica Magalhães - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos que me ajudaram a chegar até aqui, pois apesar de todas as dificuldades, consegui superar esse período por causa do apoio e da confiança que depositaram em mim. Em especial, devo agradecer a Deus, aos meus pais (Maria e Edilberto), ao meu namorado (Ney Nunes), ao orientador (Alex Lamonica) e a banca examinadora, composta pelos Mestres Paulo Henrique Barbosa de Andrade e Nicole Regine Garcia, que estiveram ao meu lado durante essa pesquisa.

(...) Os homens da beira do cais só tem uma estrada na sua vida: a estrada do mar. Por ela entram que seu destino é esse. O mar é dono de todos eles.

(Mar morto - Jorge Amado)

RESUMO

Esta monografia aborda principalmente a relação entre a pesca artesanal com o conceito de trabalho, saúde e ambiente. Esta pesquisa pretende estudar o contexto histórico do motivo da grande poluição da área abordada que é a Baía de Guanabara. Tendo a intenção de aprender mais sobre o impacto do trabalho árduo da pesca e da poluição na saúde desses profissionais. Esta pesquisa levanta questões sobre as dificuldades dos pescadores artesanais em relação aos malefícios do ambiente, por motivos de uma urbanização não planejada, que gera conseqüências negativas ao profissional da pesca.

Palavras-Chave: Pesca. Trabalho. Saúde.

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO.....	Error! Bookmark not defined.
2.	INTRODUÇÃO.....	Error! Bookmark not defined.
3.	Capítulo 1 – PESCA ARTESANAL: CONCEITOS, AÇÕES E REFLEXÕES.....	Error! Bookmark not defined.
4.	Capítulo 2– PESCA ARTESANAL EM AMBIENTES POLUÍDOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENTORNO DA BAIA DE GUANABARA.....	Error! Bookmark not defined.
5.	Capítulo 3: A SAÚDE DO TRABALHADOR DA PESCA ARTESANAL EM AMBIENTES POLUÍDOS: REALIDADES E POSSIBILIDADES.....	20
6.	CONCLUSÃO.....	Error! Bookmark not defined.
	REFERÊNCIAS.....	25

APRESENTAÇÃO

No dia 1º de junho de 2012, ao assistir uma palestra, na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, que tinha como questão central "Quem sustenta o desenvolvimento sustentável?", confesso que me senti instigada a buscar mais sobre os possíveis cenários da pesca artesanal. Ao ouvir um dos líderes de uma associação de pescadores relatando a sua vida, experimentei um sentimento no qual não conhecia. Sensibilizei-me extremamente com a história que fora apresentada.

As múltiplas realidades do trabalhador da pesca artesanal configuravam-se como um "mundo" no qual eu não tinha conhecimento. Era um cenário muito distante da minha realidade. Por vezes me questioneei se tudo aquilo que fora relatado era realmente verdadeiro. E, sendo verídico, não entendia o motivo da pouca divulgação nas diferentes mídias acerca de um tema tão interessante.

Após a palestra não conseguia tirar algumas dúvidas da minha mente: a) por que esses homens não desistem da pesca e procuram outra atividade?' b) por que amam e se orgulham em ser chamados de "homens do mar"?

No decorrer do debate, apesar de não se expressar como os outros componentes que constituíam a mesa, que eram graduados e tinha um alto nível de escolaridade, a fala do líder da associação foi a que mais me chamou atenção. Apenas com a sua voz ele conseguia deixar nítido todo amor e admiração que sentia pela pesca e que era uma dor enorme sentir que a perdia aos poucos. E, naquele momento, era como se somente eu estivesse assistindo a palestra, como se ela fosse feita para mim. O sentimento daquele homem me intrigou, me fez gostar, e estimulou o meu interesse, de uma forma inexplicável, para o entendimento sobre alguns aspectos da pesca artesanal.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, queremos analisar de que forma a poluição ambiental afeta a vida dos pescadores artesanais. Neste sentido, pretende-se assim estudar como mudanças no meio ambiente natural trazem reflexos diretos para a saúde e as condições de trabalho desses profissionais da pesca.

Resolvemos, dentre outros fatores, direcionar a nossa pesquisa para esse tema, pois o atual cenário da pesca artesanal é um assunto que, no nosso ponto de vista, deveria ser mais divulgado. Nos últimos anos aconteceu um aumento considerável de conflitos entre os pescadores e as grandes empresas, devido às conseqüências da poluição ambiental, embora a mesma seja cada vez mais prática criticada e passível de multas. Neste cenário, a pesca artesanal vai entrando em extinção, por causa dessa transformação do espaço de trabalho do pescador. Para nós é uma situação revoltante, pois se percebe uma injustiça social e ambiental.

Ao longo da nossa pesquisa notamos que a maior parte de monografias, artigos e afins sobre a pesca artesanal são muito específicos ao relacionarem esse tema com a realidade de determinado local. Para não falarmos de maneira mais geral sobre o assunto sem a possibilidade de diálogo com uma realidade empírica, esta pesquisa levará em consideração o entorno da Baía de Guanabara, que está localizada no Rio de Janeiro.

Embora a pesca artesanal seja um tema que poderia trazer várias possibilidades de pesquisa, foi preciso “recortar” nosso objeto de pesquisa. Sendo assim, nosso objetivo geral foi analisar os impactos da poluição ambiental na vida do pescador artesanal. Para chegar a esse objetivo mais amplo percorremos os seguintes objetivos específicos: a) pesquisar os problemas de saúde que são oriundos da poluição ambiental e b) analisar de que maneira a poluição prejudica o trabalho dos profissionais da pesca.

Para uma melhor análise acerca do nosso objeto de estudo, ou seja, os reflexos da poluição na saúde e nas relações de trabalho do pescador artesanal, essa monografia foi estruturada em três capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado "Pesca artesanal: conceitos, ações e reflexões", apresentaremos o conceito de pesca artesanal, destacando suas principais características. Sendo assim também será analisada a prática de trabalho dos pescadores, relacionando-a dentro de um contexto histórico mais amplo, o qual incluirá a pesca que pode ser nomeada como manual.

No segundo capítulo, tentaremos construir uma ligação entre a poluição/contaminação com a pesca artesanal. Relataremos assim de que forma a poluição afeta a pesca artesanal, abrangendo os malefícios causados a saúde e modo de trabalho dos profissionais da pesca.

Já no terceiro e último capítulo mostraremos, de maneira mais minuciosa, a relação entre a pesca artesanal, a saúde e o modo de trabalho desses profissionais. Faremos um resgate de assuntos referentes ao segundo capítulo e abordaremos, de maneira mais aprofundada, os malefícios da poluição/contaminação no âmbito da saúde e do trabalho pesqueiro.

Ao final da apresentação destes capítulos, faremos uma conclusão acerca do que foi apresentado, procurando assim sintetizar a nossa opinião sobre os assuntos abordados ao longo desta monografia.

Capítulo 1 – PESCA ARTESANAL: CONCEITOS, AÇÕES E REFLEXÕES.

Há relatos de que a atividade pesqueira surgiu na cidade de Atenas. De acordo com o dicionário da mitologia grega e romana de Zahar (1990:20), podemos ver personagens relacionados a esta atividade, como Nereu, conhecido como velho do mar; as Ninfas; Oceano, que segundo a lenda era progenitor dos deuses e a origem da vida; e Poseidon, ou Netuno para os romanos, que é ligado à água no geral, chamado até de "rei dos mares". Segundo Diegues (1973)

Os pescadores artesanais são aqueles que, na captura e desembarque de toda classe de espécies aquáticas, trabalham sozinhos e/ou utilizam mão-de-obra familiar ou não assalariada, explorando ambientes ecológicos localizados próximos à costa, pois em geral a embarcação e aparelhagem utilizadas para tal fim possuem pouca autonomia.

(1)

O pescado produzido é considerado uma commodity, segundo Delgado (p. 134):

Uma definição "oficial" de *commodity* primária é apresentada pela carta Havana, aprovada na Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Emprego, realizada em Havana em março de 1948: [...] qualquer produto originário de atividade agropecuária, florestal ou pesqueira ou qualquer mineral em sua forma natural ou que tenha passado por processamento costumeiramente requerido para prepará-lo comercialização em volume substancial no comércio internacional.:

(Delgado, 2009, p. 128)

A pesca artesanal pode ser vista na maior parte dos casos como uma atividade econômica de subsistência, na qual o pescador conta na maior parte com o seu esforço físico e seu conhecimento sobre o território para executar a captura de animais aquáticos. As ferramentas de trabalho são manuais e de tecnologia clássica, onde o que vale mais é a habilidade de quem manuseia.

A definição de pesca artesanal, segundo a Lei 11.959/2009 define essa prática levando-se em consideração múltiplos aspectos ligados ao mundo do trabalho. Neste sentido, essa legislação define que a pesca artesanal ocorre:

(...) quando praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou

mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte.

A lei 11.959/2009 foi promulgada para contribuir com a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, e tem como objetivo administrar e regularizar a pesca artesanal, tendo assim o desenvolvimento sustentável da pesca; a fiscalização da mesma, tornando-a regularizada; a preservação do ecossistema aquático e o desenvolvimento cultural, socioeconômico e profissional que esse trabalho proporciona. De acordo com o Ministério da Pesca da Aquicultura:

"O pescador (a) artesanal é o profissional que, devidamente licenciado pelo Ministério da Pesca e Aquicultura, exerce a pesca com fins comerciais, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parcerias, desembarcada ou com embarcações de pequeno porte. Para a maior parte deles o conhecimento é passado de pai para filho ou pelas pessoas mais velhas e experientes de suas comunidades. Os pescadores conhecem bem o ambiente onde trabalham como o mar, as marés, os manguezais, os rios, lagoas e os peixes."

Entendemos assim que um componente importante para o entendimento da pesca artesanal é que a mesma constitui uma atividade que vai passando de pai para filho, onde a geração atual mantém a mesma linha de trabalho de seus ancestrais. Esses homens e mulheres são ensinados desde muito cedo a pescar e ganhavam de seus pais suas embarcações e ferramentas, onde os próprios consertam seus barcos e fazem sua rede.

A pesca artesanal é atividade muito antiga, e que foi sendo praticada em diferentes locais do planeta, em diferentes tempos ou períodos históricos. Em cada local essa atividade foi incorporando características singulares e específicas do local. Sendo assim, pode-se dizer que, no Brasil, essa atividade incorporou múltiplos aspectos da nossa cultura, história, geografia, economia etc.

Por motivos estratégicos de localização, grandes empresas tem se instalado nas zonas litorâneas do Brasil e com isso não dando espaço para as moradias e ambientes de trabalho dos pescadores artesanais. Além da poluição proporcionada a estes locais, que prejudica a fauna ali existente e causando prejuízos a estes profissionais, tanto na economia, quanto em relação à saúde dos mesmos.

Nos últimos anos, se nos aprofundarmos neste tema, podemos notar um conflito entre as grandes indústrias e diversos grupos de pescadores, já que estão tentando reivindicar melhorias para esse ambiente litorâneo que está sendo destruído. Com isso, alguns pescadores que têm denunciado essas empresas, estão sofrendo ameaças e alguns chegaram a ser assassinados e estão desaparecidos, e a associação de pescadores está certa que esses acontecimentos estão relacionados a denuncia. De acordo com o Conselho Nacional de Saúde (2012):

Movimentos sociais e organizações da sociedade civil – incluindo entidades que fazem parte do Conselho Nacional de Saúde -- estão exigindo a investigação dos assassinatos dos pescadores e ativistas João Luiz Telles Penetra e Almir Nogueira de Amorim, que morreram na madrugada do sábado passado (23/6), na Baía de Guanabara. Ambos tiveram pés e mãos amarrados e foram afogados. João Luiz e Almir integravam a Associação Homens e Mulheres do Mar (AHOMAR) e militavam no movimento ambientalista da baía. Em 18 de junho, durante a Cúpula dos Povos, no Aterro do Flamengo, os dois participaram de uma atividade da tenda Saúde, Ambiente e Sustentabilidade, organizada pela Fiocruz.

A AHOMAR uma sigla que representa uma entidade chamada Associação Homens e Mulheres do Mar, que tem por objetivo representar os pescadores artesanais de sete municípios ao redor da Baía de Guanabara. Esta associação vem desde 2007 denunciando as ilegalidades do COMPERJ (Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro). Os pescadores da AHOMAR fazem manifestações, passeatas e tentam ao máximo chamar atenção para este problema, porém são ignorados pela mídia.

A pesca é também realizada pelo feminino na pesca artesanal, apesar de ser uma tarefa que exige bastante força física. Essa atividade já é desvalorizada e quando exercida por mulher consegue diminuir no seu nível de valorização e visibilidade. Segundo FASSARELLA, Simone (2009):

No âmbito da pesca, houve eventos importantes, como o I Encontro Nacional de Trabalhadoras da Pesca e Aquicultura ocorrido em Brasília no ano de 2004, cujo objetivo foi de propor políticas setoriais para a superação das desigualdades sociais, políticas e de gênero das mulheres trabalhadoras nesse setor.

Como falamos anteriormente, a pesca é uma das atividades mais antigas já existentes. Tal atividade tornou os recursos pesqueiros uma grande fonte de economia e preservação da cultura e manutenção do homem no seu lugar de origem. O MAP

(Ministério da Pesca e da Aquicultura) tem como dados estatísticos que do "total de cerca de 970 mil pescadores registrados, 957 mil são pescadores e pescadoras artesanais (setembro 2011). Estão organizados atualmente em cerca de 760 associações, 137 sindicatos e 47 cooperativas."

Após estes dados podemos notar que são milhares de pessoas que vivem da atividade pesqueira, sendo homens e mulheres, e devemos levar em conta a família de cada um dos mesmos que dependem desse recurso. Porém esta atividade tem sofrido alguns tipos de limitações que dificultam o profissional da pesca, como o grande índice de analfabetismo, e isso dificulta que os trabalhadores busquem pelos seus direitos de cidadão que deveriam ser garantido. E isso tem por consequência a precarização do trabalho. O Ministério da Pesca e Aquicultura relata que:

Entre as principais políticas e programas da pesca artesanal podemos citar: Centros Integrados da Pesca Artesanal – CIPAR, Apoio à Organização Produtiva de Trabalhadoras da Pesca, Apoio a Pequenos Empreendimentos na Pesca Artesanal, Apoio à Cadeia Produtiva – Fábricas de Gelo, Caminhões Frigoríficos, Caminhões Feira; Qualificação e Inclusão Social de Pescadores (as) - Programa Pescando Letras, Telecentros Marés, Cursos Técnicos Integrados em Pesca e Aquicultura; Apoio a Organização de Fóruns de Gestão da Pesca, Capacitação de Pescadores (as) e Organizações do Setor, Distribuição de Cestas de Alimentos.

Há relatos de que o ser humano, no princípio de sua existência, capturava seus pescados com as lanças, pedras e materiais produzidos naquele período. Porém nesta época a pesca era utilizada apenas para se servir de alimentação. Segundo Engels, Friederich (1876):

"O trabalho começa com a elaboração de instrumentos. E que representam os instrumentos mais antigos, a julgar pelos restos que nos chegaram dos homens pré-históricos, pelo gênero de vida dos povos mais antigos registrados pela história, assim como pelo dos selvagens atuais mais primitivos? São instrumentos de caça e de pesca, sendo os primeiros utilizados também como armas. Mas a caça e a pesca pressupõem a passagem da alimentação exclusivamente vegetal à alimentação mista, o que significa um novo passo de sua importância na transformação do macaco em homem."

Como relatado acima por Engels, à pesca usa uns dos instrumentos mais antigos para trabalho. E os mesmo contam a história da mudança de hábitos e de alimentação do homem. Segundo CANDIDO (2009; p. 88):

O trabalho é retraduzido pela noção de honra, ou seja, do direito a orgulhar-se de si próprio. Esse orgulho próprio atinge a todos, inclusive aos trabalhadores menos qualificados, pois essa falta é compensada pela capacidade de trabalhar duro, de encarar um serviço pesado. Essa competência vem de valores morais como a coragem, a força e a disposição. Podemos sintetizar todos esses valores em uma idéia, a de se ter saúde para trabalhar.

Esse trecho da obra de Candido reflete muito bem o trabalho do pescador artesanal, pois relata que o faz o trabalho enobrecer o homem é a sua disposição, força, coragem para trabalhar e ao longo da nossa pesquisa podemos apontar que apesar de todas dificuldades citadas o pescador ainda permanece exercendo a atividade.

É importante destacar, que no principio desta atividade, ou seja, a pesca, a mesma não era adjetivada como artesanal, pois os primeiros seres humanos não tinham condições de qualificá-las desta forma, já que não era possível praticar a pesca sem ser de maneira manual, por falta de instrumentos que foram surgindo ao longo da modernidade.

Outra questão interessante é que a pesca artesanal, de acordo com Piorski, N. et al. (2003: p.68), é uma atividade muito comum entre os indígenas. E os mesmos variam seus apetrechos de pesca dependendo da aldeia em que estão localizados e podendo variar por causa do tipo de ambiente aquático presente aos redores da aldeia. Em algumas aldeias é comum o uso do timbó uma planta trepadeira lenhosa que produz uma substancia que é narcótica para o peixe.

A atividade pesqueira no Brasil é muito pouco valorizada no âmbito socioeconômico, apesar de contribuir significamente para a economia do país, pois por ano, segundo dados do MPA, são produzidos 1 milhão e 240 mil de pescado e 45% é através da pesca artesanal.

O ministro da Pesca e da Aquicultura é o Marcelo Crivella, e o mesmo vem apresentando projetos e leis à favor da pesca, como melhoria na infraestrutura para o pescador, porém há polêmicas relacionadas com as suas atitudes em prol dos pescadores. Como a suspeita de que o ministro tenha usado o dinheiro público para beneficio de uma ONG da igreja Universal.

A pesca artesanal somente este teve um corte orçamentário e a pesca perdeu 300 milhões de sua dotação, e isso apenas torna a situação pior. É de grande necessidade que seja adotada melhores medidas políticas.

A atividade pesqueira é quase desprezada por alguns meios de comunicação, como as mídias que são ditas como oficiais, poucas pessoas possuem o conhecimento deste trabalho, suas influencias no Brasil e como está sendo extinto e é executado de maneira precária. Isso ocorre, porque, de um modo geral, tratam o pescador artesanal como improdutivo e ineficiente considerados apenas objetos para "programas de assistência social". Em contrapartida a atitudes desses trabalhadores, vem mostrando oposição a este pensamento, logo, quando observamos que no desembarques nacionais é maior ou igual ao da pesca industrial e empresarial, ao falar de produtividade. O Brasil poderia ser o maior produtor através da pesca artesanal de todo mundo, devido possuir 12% da água doce e ter 8 mil km de costa litorânea.

A pesca tem períodos de trabalho, pois não é possível exercer a pesca durante o ano inteiro, já que há o período de reprodução dos animais aquáticos. Durante este período os pescadores ficam sem trabalhar e ganham uma renda baixa, que é chamada de bolsa-pesca.

A bolsa-pesca é concedida aos pescadores que se cadastram, possuindo RGP (Registro Geral da Atividade Pesqueira) e é necessário também o cadastramento das embarções. No período de reprodução da fauna ali existente o pesqueadores se mantém afastado dessa atividade, ganhando o bolsa-pesca para auxiliar.

Capítulo 2 – PESCA ARTESANAL EM AMBIENTES POLUÍDOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENTORNO DA BAIÁ DE GUANABARA.

Podemos dizer que meio ambiente é um conjunto de unidades localizadas no ecossistema, sendo seres vivos ou não, incluindo fenômenos físicos, como: água, ar, energia e outros. De acordo com NASS (2002)

A questão ambiental vem ganhando importância nos últimos tempos. A ecologia, estudo das relações de interdependência entre os organismos que constituem a natureza viva, tem sido mais frequentemente discutida tanto pelos meios de comunicação quanto pela população. Entretanto, assim como em outras áreas do conhecimento humano que se popularizaram rapidamente, como a psicologia, alguns termos têm sido utilizados de forma inexata em relação à sua definição científica.

Nas últimas décadas foi possível observar que a mídia está dando maior ênfase nos assuntos relacionados com o meio ambiente, onde a mesma se relaciona com a poluição/contaminação, que citaremos ao decorrer deste capítulo.

O Brasil sediou alguns eventos relacionados ao meio ambiente, como: Eco 92 e a Rio+20, que buscam o desenvolvimento sustentável, isto é, um desenvolvimento que supre as necessidades da geração atual, sem esgotar os recursos para as gerações futuras.

Há diversos tipos de sustentabilidade, como: a social, onde busca melhoria da qualidade de vida; a cultural que diz respeito aos distintos povos; a ecológica, que trata da utilização recursos naturais; a ambiental, que busca tanto um equilíbrio ecológico, como também trata de respeito aos direitos humanos.

O desenvolvimento sustentável é a maneira de produzir sem comprometer recursos naturais para as gerações futuras, já a sustentabilidade é a relação entre o econômico, social e ambiental, no qual deverá gerar lucros sem agredir o ambiente e com boas condições de trabalho. Diversas empresas dizem apoiar e executar um desenvolvimento sustentável quando na verdade praticam erroneamente a sustentabilidade, pois muitas vezes executam práticas para benefício do ambiente e as divulgam com interesse de venda e incentivos fiscais, porém os benefícios não se comparam a poluição executadas pelas mesmas.

Diversas vezes entramos em contato com o uso errôneo de alguns conceitos. Um deles é da poluição e o da contaminação que são distintos, porém é frequentemente são utilizados como sinônimos.

A poluição é uma mudança do ecossistema, ou seja, há uma mudança na relação entre os seres vivos, onde o causador é o ser humano. Onde a nossa vida e bem estar são afetados como causas prejudiciais aos recursos naturais, como: água, ar, solo que impedem atividades econômicas como agricultura e a pesca por exemplo.

Distintamente do conceito de poluição temos o conceito de contaminação que é a permanência, no meio ambiente, de seres que são capazes de produzir doenças ou substâncias nocivas ao ser humano. Porém se as mesmas não mudarem as relações no ecossistema, não podem ser consideradas poluentes.

Essa diferença de conceitos é extremamente importante em relação ao meio aquático, pois esses seres patogênicos ficam confinados em um espaço limitado. Além disso, possuímos atividades onde alimentos são retirados desse meio, o que prejudica de forma mais intensa os seres vivos que são ligados a este ambiente. Segundo Freitas, Vladimir (1997)

A poluição de águas marinhas tem tratamento legal diferente e específico. Sabidamente, a poluição do mar, principalmente pelo derrame de petróleo, é um dos problemas que mais preocupa a humanidade. Os danos ambientais causados ainda não foram bem compreendidos no Brasil e por isso temos uma reprovável tolerância. O óleo no mar, nas praias e costões mata algas, peixes, moluscos e crustáceos. Em grandes quantidades impedem ou reduzem a passagem dos raios solares e a insuficiência de luz reduz a fotossíntese (produção de oxigênio a partir do gás carbônico) feita pelas algas. Há enorme prejuízo à fauna e à flora, prejudicando diretamente a cadeia alimentar.

A Baía de Guanabara é uma bacia hidrográfica que abrange quase toda área metropolitana do Rio de Janeiro. De acordo com a pesquisa de SOARES (2010, p.17), é uma abertura delimitada na costa de um continente onde o mar entra é denominada de baía. E as características geomorfológicas da mesma é que proporcionaram o ambiente.

Os maiores índices de poluição da Baía de Guanabara provêm das áreas a seus oeste e noroeste, que respondem 78% da carga total de DBO por esgoto domiciliar e 70% de DBO por efluente líquido industrial. Na região oeste está parte do município do Rio de Janeiro, que possui um serviço de saneamento básico insuficiente e abriga o rio mais poluído do

renderá um bom lucro, o que afetará não só o pescador, mas também sua família e terceiros que iriam se alimentar daqueles animais marinhos. SILVEIRA, Pedro (2010) tem a concepção que:

Os pescadores artesanais têm como espaço de vida e trabalho as áreas litorâneas, os percursos dos rios e os arredores dos lagos. Essas áreas próximas às águas passaram a ser extremamente valorizadas e disputadas no processo de ocupação do território brasileiro. Só para se ter uma ideia, oito das dez maiores cidades do Brasil localizam-se a menos de cem quilômetros do litoral. O que percebemos é que, com o crescimento urbano e a industrialização no país, os pescadores litorâneos estão sendo paulatinamente forçados a mudar de atividade, ou, quando se mantêm no ofício, são deslocados para praias mais distantes ou destinados à exploração de águas poluídas nas metrópoles. Os pescadores ribeirinhos, por sua vez, têm acompanhado a contínua poluição das águas e sofrem com os enormes impactos causados pelas usinas hidrelétricas na dinâmica dos rios. Apesar disso, a pesca artesanal continua a ser uma atividade econômica importante para um grande número de pessoas, inclusive em grandes cidades como Recife, Salvador, Belém e Manaus.

A poluição e a contaminação de águas prejudicam a saúde, a vida financeira e o trabalho do pescador artesanal, porém devemos citar que a poluição/contaminação atmosférica também é uma grande vilã na vida desses trabalhadores. Tendo em vista que os mesmos ficam expostos ao sol, chuva, durante a execução de suas atividades.

Como falamos no capítulo anterior, a pesca, uma das mais antigas fontes de subsistência humanas, e uma atividade que propiciou a comunicação entre os continentes por via marítima, e por extensão o desenvolvimento, vem sendo ameaçada por este mesmo desenvolvimento. Os grandes centros urbanos se desenvolveram principalmente no entorno de regiões estuarinas, o que favoreceu a degradação destes ambientes semi-confinados pela quantidade de resíduos urbanos (domésticos e industriais) aí lançados.

CAPÍTULO 3: A SAÚDE DO TRABALHADOR DA PESCA ARTESANAL EM AMBIENTES POLUÍDOS: REALIDADES E POSSIBILIDADES

Ao analisar a atividade pesqueira podemos notar que o local de trabalho são mares, rios e baías, como o local que estamos direcionando nossa pesquisa, e como abordamos no capítulo 2, esses ambientes aquáticos estão sendo poluídos por estruturas urbanas, porém, não somente esta poluição que prejudica a vida do pescador, mas também a poluição atmosférica e a terrestre.

Segundo Moacyr Scliar (2007): "O conceito de saúde reflete conjuntura social, econômica, política e cultural. Ou seja: saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas. Dependerá da época, do lugar, da classe social."

Já segundo BACKES et. all (2009; p.114): "(...) o conceito de saúde envolve a reação aos estímulos externos de modo favorável que, ao agirem sobre os seres vivos, abrangem aspectos físicos, psicológicos e sociais de maneira, de maneira interdependente^{1º}."

Podemos ver que o conceito de saúde é amplo e não abrange apenas a ausência de doença, mas também o psicológico, bem-estar e o social.

Os trabalhadores da pesca ao decorrer de suas atividades ficam expostos ao tempo, ficando vulnerável a diversas doenças, como: doenças de pele, problemas respiratórios e outros. Podemos também considerar que a pesca é uma atividade árdua, que exige um grande esforço físico, que ocasiona problemas musculares e dos ossos. Segundo RIOS; REGO & PENA (2011, p. 182):

A saúde e os riscos dos pescadores e catadores de caranguejo da Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, foram verificados em pesquisa realizada no ano de 2007.¹¹ Os autores realizaram uma pesquisa de campo de caráter quanti-qualitativo com uma amostra aleatória de 80 pescadores e 20 catadores de caranguejo sobre suas condições de saúde. Os principais agravos à saúde relatados vinculavam-se aos problemas articulatorios e neuromusculares, refletidos por dores nas costas, coluna, braços e pernas. Os problemas respiratórios, traduzidos por pneumonias e tuberculoses, estavam relacionados à grande exposição às variações climáticas, agentes patológicos e deficiência alimentar. Ao uso abusivo do álcool foi atribuída a chance maior de adoecer.

Neste último parágrafo citei doenças físicas, porém, no contexto que estamos inseridos, podemos tratar o conceito de doença não só como ausência de saúde e incluir nesta palavra sentidos também psicológicos, sociais, político, econômicos e culturais pois quando o trabalho não está gerando, ocorrendo como o esperado, no caso da pesca por causa da urbanização que muda o meio de trabalho, pode proporcionar uma depressão, um desânimo no trabalhador e isso poderá levar a consequências na relação do indivíduo com a sociedade. Logo, podemos dizer que a sociedade afeta o indivíduo e o mesmo afeta a sociedade. Que por conta disso pode gerar um tipo de exclusão social.

Apesar de não ser o foco da nossa pesquisa, não podemos deixar de citar os conflitos de grandes empresas, que vem poluindo o ambiente, com os pescadores. Temos como consequência desse fato elementos que não só prejudicam o local de trabalho e a saúde do pescador, mas também que afeta a sua segurança.

Ao analisar o local no qual estamos nos limitando, podemos citar de um lado os pescadores, e do outro, indústrias de petróleo e gás, como a PETROBRAS. E na luta contra os impactos socioambientais provocados por essas indústrias tem a AHOMAR, Associação de Homens de Mulheres do Mar. Porém, essa luta tomou uma dimensão criminal, já que há violação de leis ambientais e há fatos de assassinatos envolvendo integrantes dessa associação de pescadores.

Há também depoimentos de pescadores que dizem que são expulsos por essas grandes indústrias indiretamente, pois as mesmas não enviam um mandato, mas em contrapartida destroem o ambiente de trabalho a ponto de não ter como executar a atividade pesqueira e às vezes até mesmo impossibilitando à moradia a beira da baía.

Podemos dizer que, em um todo, o maior problema ambiental da Baía de Guanabara é a urbanização que está fora de controle, desrespeitando o ambiente, o social e a economia desses pescadores. Uma atividade urbana que mostra o pensamento que tem como predomínio o lucro. E esta ausência traz malefícios não só para atividade em si, mas também para vida do pescador e seus principais instrumentos de trabalho: mente e corpo, que sofrem por conta disso.

Ao longo dessa pesquisa pude notar que essas grandes indústrias burlam leis de proteção ao meio ambiente, e algumas vezes são punidas por isto, porém de alguma forma essas punições e leis são desprezíveis por elas. Será que há uma amenização da

execução das leis quando é com as empresas dos grandes lucros? Não podemos afirmar, porém quando um pescador artesanal exerce sua atividade no período de reprodução ele é punido por isso com seriedade e rigor.

Será que a atividade da pesca artesanal é de menos valor do que aquelas praticadas por empresas? Com esta monografia constatamos que não, pois é uma atividade que apresenta não só lucros, mas também cultura, nossas riquezas naturais e a história do nosso povo, não só da Baía de Guanabara, mas da sociedade brasileira. Logo, podemos pensar que nesse sistema econômico ao qual estamos inseridos visa de maneira primordial, como notamos na atualidade, o lucro. Então, é fundamental perguntamos e refletirmos qual lucro é mais favorável para quem? Segundo ANTUNES R. (2000; p. 35)

A sociedade contemporânea, particularmente nas últimas duas décadas, presenciou fortes transformações. O neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível, dotadas de forte caráter destrutivo, têm acarretado, entre tantos aspectos nefastos, um monumental desemprego, uma enorme precarização do trabalho e uma degradação crescente, na relação metabólica entre homem e natureza, conduzida pela lógica societal voltada prioritariamente para a produção de mercadorias, que destrói o meio ambiente em escala globalizada

Com as transformações políticas, econômicas, a sociedade também foi alterando seus comportamentos, e alguns deles são prejudiciais ao ambiente. Atualmente, possuímos um sistema que leva a sociedade a ter como primordial o capital. Para obtê-lo, muita das vezes acabam degradando o ambiente, como diz ANTUNES.

Segundo Marx, em seu livro *O capital*, a máquina desvaloriza a força humana e é mais lucrativa devido ao tempo, porém torna o trabalho explorador. No contexto atual o maquinário é valorizado por gerar mais benefícios lucrativos à empresa, em contrapartida o trabalhador é prejudicado. Quando pensamos no âmbito da pesca artesanal os equipamentos precisam de esforço físico, e não há uma grande relação produção-tempo, como nas empresas. Logo, a pesca artesanal, por não gerar lucros comparados as fábricas, indústrias e afins, acaba não tendo o mesmo reconhecimento quanto sua atividade, pois no sistema no qual estamos inseridos, capitalismo, o objetivo principal é o capital, como já diz o nome.

O governo, capitalista, com o objetivo de produção e crescimento da economia do país tem concedido um maior enfoque para as empresas, que são máquinas de produção de lucro. Porém, a atividade dessas empresas tem gerado malefícios a certos grupos, como os de pescadores artesanais. Os malefícios são: derramamento de óleo, aterramento, assoreamento, lixiviação, enfim, prejuízos diretos ao ambiente que afetam os trabalhadores pesqueiros.

Uma das possibilidades para solucionar esta redução de atividades pesqueira artesanais seriam projetos de lei que assegurassem territórios para os profissionais da pesca, incentivassem a atividade pesqueira artesanal, aumentassem impostos para empresas que poluem de maneira significativa, proporcionar uma maior segurança para a pesca, devido à atividade árdua e há conflitos com as grandes indústrias. O governo tem apresentando e legalizado programas e políticas à favor do pescador. Segundo o MPA (Ministério da pesca e da Aquicultura):

Entre as principais políticas e programas da pesca artesanal podemos citar: Centros Integrados da Pesca Artesanal – CIPAR, Apoio à Organização Produtiva de Trabalhadoras da Pesca, Apoio a Pequenos Empreendimentos na Pesca Artesanal, Apoio à Cadeia Produtiva – Fábricas de Gelo, Caminhões Frigoríficos, Caminhões Feira; Qualificação e Inclusão Social de Pescadores (as) - Programa Pescando Letras, Telecentros Marés, Cursos Técnicos Integrados em Pesca e Aquicultura; Apoio a Organização de Fóruns de Gestão da Pesca, Capacitação de Pescadores (as) e Organizações do Setor, Distribuição de Cestas de Alimentos.

As políticas e programas citados acima foram criados com o objetivo de auxiliar a atividade pesqueira, proporcionando meios de armazenamento e comércio, consistindo em desenvolver elos na produção da pesca artesanal e na aquicultura familiar. Também instruindo pescadores sobre a auto-gestão de empreendimentos, cooperativismo, associativismo e os princípios da economia solidária, capacitando e qualificando os mesmos profissionalmente.

CONCLUSÃO

Ao longo da nossa pesquisa podemos perceber que a pesca artesanal vem sendo extinta por degradações do meio ambiente por conta da urbanização descontrolada e com um planejamento distante de uma consciência social, onde não são vistos os malefícios a sociedade e ao ambiente. Porém, notamos que por trás de tudo isso a atividade pesqueira artesanal está sumindo devido a problemas políticos e de execuções de leis que favorecem uma classe dita como dominante por alguns pesquisadores.

Os pescadores vêm lutando para sua atividade ser reconhecida economicamente e socialmente, porém nesse sistema econômico, no qual estamos inseridos, que tem por objetivo principal o capital, a pesca se torna uma atividade não tão visada como as grandes indústrias que possuem uma grande produção-tempo.

Para reverter este quadro seria necessária uma mudança de pensamento da sociedade, já que a mesma, devido ao sistema, possui uma mente bastante individualista, onde o lucro passa muitas vezes por cima de conceitos solidários e da exaltação da nossa cultura, já que a pesca conta um pouco da nossa história, da nossa fauna e do nosso clima.

Um ponto interessante a se refletir é que essas grandes empresas geram sim um enorme benefício econômico, porém contribuem significativamente para degradações ambientais. O governo deve puni-las por isso, porém não vemos essa atitude, pois como já dito, o interesse pelo capital supera certos princípios.

Logo, podemos concluir com essa análise que a pesca artesanal contribui sim para economia do país, mas a maior qualidade é a história que esta atividade carrega. Porém, na atualidade, por motivos de interesses e prioridades a história não tem sido reconhecida como deveria e os trabalhadores pesqueiros que mantêm esta atividade viva sofrem dificuldades para continuar exercendo-a. Assim, podemos notar que uma das possibilidades para este problema seria uma concretude legislativa que assegurasse definitivamente esta atividade e reconhecesse seus trabalhadores.

BIBLIOGRAFIA

AMADO, Jorge. Mar Morto. Livro, p.7. Bahia. 1936. Em 05/06/2013.

BACKES et all. Rev. enferm. UERJ, Rio de Janeiro, 2009 jan/mar; 17(1):111-7
.Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v17n1/v17n1a21.pdf> acesso em: 30/11/2013.

Conselho Nacional de Saúde: Acesso por:
http://www.conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2012/02_jul_assassinato_pescadore_s.html em 04/08/2013.

CANDIDO, Paulo Rogério. O Trabalho faz o Homem e o Enobrece: Reflexões sobre a Construção da Identidade Masculina entre Homens Pobres. In: SINAIS – Revista Eletrônica - Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.05, v.1, Set. 2009. Página. 84-103.

DIEGUES A. C. Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza. São Paulo: HUCITEC; NUPAUB-USP, 2000. 290

Engels, Friederich. Sobre o Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem. 1876. Acesso por:
<http://www.vermelho.org.br/biblioteca.php?pagina=macaco.htm> em 04/08/2013.

FASSARELLA, Simone. A vez e a voz de mulheres que atuam na atividade da pesca da Vila São Miguel (RS). Trajetórias e perspectivas. Dissertação de Mestrado. FURG. Rio Grande. 2007. Acesso por: http://www.argo.furg.br/btdt/tde_arquivos/5/TDE-2008-06-20T172231Z-86/Publico/fassarella.pdf em 04/08/2013.

FREITAS, V. Poluição de águas. Revista CEJ, V. 1 n. 3 set./dez. 1997. Acesso por: <http://www2.cjf.jus.br/ojs2/index.php/revcej/article/view/110/153> em 04/08/2013.

JERONIMO, J. O ministro da Pesca e sua ONG pesqueira. Revista ISTO É. Ed.2269. Brasil. 2013. Acesso por:
http://www.istoe.com.br/reportagens/297661_O+MINISTRO+DA+PESCA+E+SUA+ONG+PESQUEIRA em 04/08/2013.

KARL MARX. O CAPITAL CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA LIVRO PRIMEIRO O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CAPITAL TOMO 2 (CAPÍTULOS XIII A XXV) Coordenação e revisão de Paul Singer Tradução de Regis Barbosa e

Flávio R. Kothe. 1996. Editora Nova Cultural Ltda. acesso por: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer fontes/acer marx/ocapital-2.pdf> em 26/11/2013.

Lei 11.959/2009. Site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm. Acesso em: 04/08/2013.

Moacyr S. (2007). HISTÓRIA DO CONCEITO DE SAÚDE. Physis: revista de saúde coletiva. vol.17 no.1 Rio de Janeiro Jan./Apr. 2007. Acesso por: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312007000100003&script=sci_arttext em 26/11/2013

Ministério da Pesca da Aquicultura. Site: www.mpa.gov.br . Acesso em: 04/08/2013.

NASS, D. O conceito de poluição. Revista Eletrônica de Ciências do IQSC-USP. São Paulo. 2002. Acesso por: http://www.cdcc.usp.br/ciencia/artigos/art_13/poluicao.html em 04/08/2013.

PIORSKI, N. et al. A prática da pesca artesanal entre indígenas nas bacias dos rios Pindaré e Turiaçu, no Estado do Maranhão, Nordeste do Brasil. 2003. Acesso por: http://www.labohidro.ufma.br/upload_art/vol16_artigo08.pdf em 04/08/2013.

RIOS; REGO & PENA (2011, p. 182). ARTIGO ORIGINAL. DOENÇAS EM TRABALHADORES DA PESCA. Revista Baiana de Saúde Pública v.35, n.1, p.175-188 jan./mar. 2011. Acesso por: <http://inseer.ibict.br/rbsp/index.php/rbsp/article/viewFile/19/12> em 21/10/2013

SILVEIRA, P. Pesca artesanal, territórios e os impactos dos grandes empreendimentos. Revista Coletiva, Nov/2010. São Paulo. Acesso por: http://www.pesca.sp.gov.br/noticia.php?id_not=7545 em 04/08/2013.